



FOLHA INFORMATIVA

5 – 2017

Julho



ÍNDICE

1.	O PAÍS BASCO MARÍTIMO À VISTA DA NAU SÃO JOÃO	2
2.	ANEXOS	6

O País Basco marítimo à vista da nau São João

Esta apresentação visa reflectir de uma forma simplificada a complexidade da mostra que os Bascos dos estaleiros Albaola apresentaram no XIII Encontro de Embarcações Tradicionais, agora realizado em Combarro.

O foco do seu espaço de exposição foi a história da reconstrução da *nau São João*, um baleeiro do século XVI construído nos estaleiros do País Basco, e que tinha por função a caça à baleia nos mares gelados da Terra Nova, para aproveitamento do óleo para fins industriais.



A nau São João, num modelo à escala (Fonte: foto da exposição em Combarro, 2017)



A nau naufragou na baía de Red Bay, no Canadá, foi recentemente descoberta e o que dela restava foi resgatado. O achado encontrava-se num estado de conservação muito bom, devido às condições especiais do ambiente em que ficou durante estes séculos. Devido à sua importância histórica, a Unesco escolheu esta nau baleeira como símbolo do património mundial subaquático.

O símbolo da Unesco

Construído em 1565, este galeão é um testemunho fundamental da bem-sucedida e produtiva história marítima do País Basco.



O presente texto foi construído na base de extractos do livro que nos foi oferecido pela representação Basca, a quem reconhecidamente agradecemos os momentos de convívio e de aprendizagem que nos facultaram com prazer recíproco. O livro foi lançado em 2017 e tem o título de *Euskal Herria Marítima. A la Vista de la Nao San Juan (País Basco Marítimo. À Vista da Nau São João)*.

São transcritos parágrafos do texto, devidamente identificados, e são publicadas fotos e documentos que recolhemos e digitalizámos, da exposição Basca em Combarro, apresentada pelos Estaleiros Albaola.

UM MUNDO MARAVILHOSO ATRAVÉS DO ESPELHO MARÍTIMO ()*

“O mar reflecte um País Basco diferente: o perfil personalizado de um país marítimo. Revela uma nova faceta com uma força e uma coragem que superam a história contada desde a terra. O mar reflecte uma visão que permite conhecer-nos a nós próprios, saber quem somos, quais foram os nossos trajectos; uma visão de que não poderemos abdicar.

Já na orla da história veremos que a nau São João é, sem dúvida, a melhor prova que temos, como bascos, para podermos-nos reconhecer a nós próprios. O vestígio mais evidente e o testemunho mais completo deste velho povo que trabalhou a olhar o mar.

No século XVI aparecem as primeiras navegações transoceânicas, e a fonte mais enriquecedora e valiosa sobre aquele século é-nos oferecida pelo baleeiro São João. E o lugar em que se afundou, a baía de Red Bay, (Lavrador, Canadá) está muito distante dos objectivos de conquista e colonização, e esse é um aspecto que a torna um testemunho relevante e uma marca reveladora do carácter dos pescadores bascos.



Baía de Red Bay, onde o baleeiro São João foi encontrado (foto da exposição da Albaola)

O baleeiro São João é, hoje em dia, o melhor exemplar conhecido a nível mundial dos primeiros cargueiros transoceânicos da história. Desenhado no País Basco, é uma nau concebida para cruzar o oceano Atlântico com êxito e com o porão cheio.



Baleeiro São João (Fonte: Faktoria, Albaola, pg. 62)

Hoje em dia, os sistemas de transporte que nos podem transportar mais distante e mais rápido são o avião ou a nave espacial; as “naves espaciais” do século XVI fabricavam-se no País Basco. Era um meio de transporte para viajar mais rápido e mais distante. No

entanto, aqueles navios eram só a ponta do iceberg, a concretização do resultado final de todo um processo. Seria impossível fazer navios semelhantes sem o respaldo de uma gigantesca rede industrial e tecnológica que trabalhava pelo e para o mar” (...) (pp. 40, 41)

O trabalho de restauro integral visa trazer até à actualidade as provas da forma como o povo basco se relacionava com o mar e os progressos tecnológicos que já no século XVI eram tão evidentes. Prova igualmente que os bascos “se relacionaram com habitantes de todas as partes do mundo, que os seus feitos tiveram um importantíssimo papel no desenvolvimento da humanidade, e que as particularidades económicas, sociais, políticas, culturais e paisagísticas do povo basco apareceram e conservaram-se durante séculos graças à aliança forjada com o mar e desde o mar”. (pg. 5)

As fotos e os comentários que se seguem foram retirados dos expositores da Albaola, patentes no seu stand do XIII Encontro de Embarcações Tradicionais da Galiza, e traduzem as fases por que passou todo o processo de descoberta, resgate, estudo e recomposição da nau São João.

Reflectem de igual forma o enorme trabalho que tem sido feito para trazer até à actualidade provas do passado do povo Basco e da sua íntima ligação com o mar. Traduzem o sentimento de orgulho pela épica dos seus antepassados e da sua destreza em dominar instrumentos e tecnologias que os fizeram estar na vanguarda das navegações transoceânicas do século XVI.

(*) Faktoria, Albaola. (2017). *Euskal Herria Marítima. A la Vista de la Nao San Juan*. Donostia e Pasai San Pedro: Leitzaran Grafikak, S. L.

ANEXOS



As polias – ou roldanas – eram feitas à mão por Bascos da delegação, com um aparelho semelhante ao que foi utilizado no século XVI. O trabalho foi executado na presença dos visitantes e constituiu um excelente pretexto para realizarem um relevante intercâmbio cultural e social. Foi enorme o interesse suscitado nos visitantes.



No estaleiro marítimo Basco *Albaola* está a ser construído, e patente ao público, a réplica da histórica nau São João. Neste estaleiro convertido em museu é possível aceder à história marítima Basca e pode ver-se ao vivo o trabalho artesanal dos carpinteiros na reconstrução.



“A nau São João era um baleeiro de 200 toneladas de capacidade. Media 27 m. de comprimento, 7,5 m. de largura e 6 m. desde a sua parte inferior até à coberta superior. O casco volumoso devia conter provisões para 60 tripulantes (...) 1000 barris (com cidra), 5 chalupas, provisões e instrumentos para a navegação e a caça à baleia... No retorno devia trazer o máximo possível de barris de óleo de baleia; embora nominalmente a sua capacidade fosse de 800 barris, na altura do naufrágio levaria entre 900 e 1000”.



Pormenor do trabalho de resgate do achado do naufrágio da nau São João. “Diversos documentos da época permitiram identificar a localidade de Red Bay, no Canadá (Terranova e Lavrador), como o local do naufrágio. Red Bay revelou-se como o local da mais importante estação baleeira Basca do século XVI no Canadá”



Componentes da nau resgatados em Red Bay.



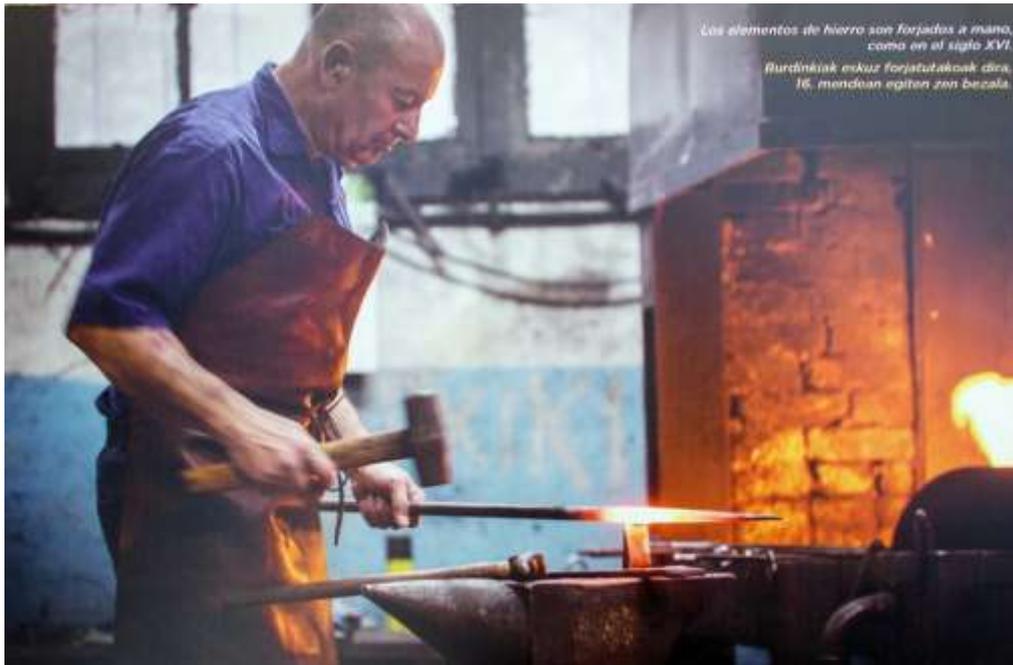
A construção da réplica da nau São João está a ser feita nos estaleiros da Albaola, e está inserida num excepcional projecto, que conta com o patrocínio da Unesco. Nunca antes a construção de um barco histórico foi efectuada de acordo com fontes científicas tão rigorosas. Na foto são apresentados os Estaleiros Marítimos Bascos ALBAOLA, de Pasaia (Gipuzkoa)



“Os carvalhos empregues na construção da réplica da nau São João, são provenientes da comarca navarra de Sakanako”



Aplicação de impermeabilizante natural para a madeira de carvalho, de acordo com técnicas originais de produção, recuperadas daquela época. A aplicação destas e outras técnicas na construção da réplica culminam um trabalho de 30 anos de investigação por parte do Departamento de Arqueologia Subaquática do Canadá.



“Os elementos de ferro são forjados à mão, como no século XVI”



A construção da réplica da nau São João pode ser acompanhada pelos visitantes

maiatza
mayo
2018
17~21

PASAIA
baleontzien portua
puerto de los balleneros

HERMIONE

PASAIA
itsas festibala
festival marítimo

*5 eguneko festibala, ontzi tradizional,
kultura eta gastronomiarekin*

*5 días de festival con embarcaciones
tradicionales, cultura y gastronomía*

Apresentação do Festival Marítimo, que se realizará de 17 a 21 de Maio de 2018, em Pasaia.

Serão 5 dias de festival marítimo com embarcações tradicionais, cultura e gastronomia. A *Confraria Ibérica do Tejo* foi abordada para se saber da possibilidade de estar presente para apresentar culturas ribeirinhas do Tejo – incluindo a Avieira e a do Médio Tejo -, tal como aconteceu em Combarro.